

Sarney está disposto a reagir contra o PMDB

Na conversa com Fernando Henrique, Presidente acusa o partido de movimento conspiratório

TARCISIO HOLANDA
Repórter Especial

O presidente José Sarney prometeu contra-atacar com todos os meios que estiverem a seu alcance para fazer frente ao que considera um movimento conspiratório dentro do PMDB contra o seu Governo, durante encontro que manteve com o líder do partido no Senado, Fernando Henrique Cardoso, anteontem, no Palácio do Planalto.

O líder do PMDB no Senado ficou impressionado com o grau de revolta e irritação do Presidente diante do que considera um "comportamento deplorável do PMDB", que recusa sistematicamente apoio ao seu Governo, enquanto recebe dele todos os espaços e todas as posições importantes.

REVOLTA

Segundo informações de parlamentares ligados ao líder do PMDB no Senado, o presidente Sarney recebeu Fernando Henrique Cardoso de costas, com o olhar perdido no horizonte do planalto, enquanto lhe indagava, sem se virar, quais eram as novidades.

Depois que ambos se sentaram à grande mesa de despachos do gabinete presidencial, Sarney passou a desfiar seu rosário de queixas contra Ulysses Guimarães e o PMDB, em um tom de veemência que espantou o líder do partido no Senado. Para alguns amigos, Cardoso explicou seu espanto com a observação de que sempre encontrou Sarney afável e sempre muito educado.

Sarney reclamou amargamente de Ulysses Guimarães, a quem acusa de adotar frequentemente uma posição de clara omissão enquanto o Governo é criticado e combatido por amplos setores do PMDB. Também reclamou da existência de um movimento conspiratório que visa a abreviar a sua permanência no poder.

Revoltado, como nunca o senador paulista o havia visto, Sarney prometia contra-atacar com todos os instrumentos que poderá mobilizar como Presidente da República.

ESTREMECIMENTO

O presidente Sarney e o deputado Ulysses Guimarães tiveram um estremelecimento, ontem, Sarney continua responsabilizando o PMDB pelo agravamento da crise econômico-financeira, e acusando o partido de um movimento conspiratório para abreviar a sua permanência no poder.

Ulysses, de sua parte, atribui

a Sarney a responsabilidade direta pela deterioração da situação econômico-financeira, defendendo a tese de que o seu mandato deve ser reduzido para quatro anos, com eleições diretas em novembro de 1988. Ulysses, segundo alguns dos seus íntimos, já se mostra irritado com o Presidente da República.

Uma informação confirma esse deterioramento nas relações do Presidente da República com o presidente do PMDB. Na reunião que promoveu, terça-feira, em sua residência, Ulysses Guimarães tentou arrancar dos líderes presentes (Fernando Henrique Cardoso, Mário Covas, Luiz Henrique e Carlos Sant'Anna) um imediato compromisso em favor da fixação do mandato em quatro anos, com eleições em novembro de 88.

COMPROMISSOS

Ulysses sustentava a tese, então, de que os líderes presentes estariam perfeitamente em condições de assumir aquele compromisso, uma vez que qualquer partido é sempre dirigido por oito ou dez pessoas. Os líderes ponderaram que não poderiam assumir compromisso tão importante sem ouvir as suas bancadas, em reunião formal.

APOIO

Amigos de Sarney dentro do PMDB afirmam que, com esse partido, o Presidente da República não tem condições de governar o País, uma vez que não encontra apoio dos peemedebistas para definir uma política econômica capaz de conter a escalada inflacionária, combater o déficit público com cortes de gastos e fazer um acordo de renegociação da dívida externa com os banqueiros credores.

Segundo a opinião desses amigos de Sarney, ele só tem uma alternativa: formar seu próprio bloco com o PFL, parte do PMDB (a ala mais moderada) e reforço de parlamentares do PTB, PDS e PL, principalmente. Essa ideia já foi levada ao Presidente da República, que a estaria examinando com grande interesse.

Apesar dessas informações inquietantes, um político da intimidade do Presidente esteve ontem com um ministro de Estado que lhe transmitiu versão diversa. Esse ministro almoçou com o Presidente encontrando-o bem-humorado e satisfeito com o entendimento que teve com Ulysses Guimarães e Aureliano Chaves quanto à necessidade de uma urgente definição do atual mandato presidencial.

GIVALDO BARBOSA



Tensão expressa na fisionomia de Fernando Henrique e José Fogaça, ao final da reunião

Lourenço chama Ulysses à fala

“ Não podemos continuar silenciosamente assistindo ao país descendo rampa abaixo como um carro sem freio e sem direção”, declarou ontem, na sessão plenária da Constituinte, o líder do PFL, deputado José Lourenço, em emocionado discurso dirigido ao presidente da Assembleia Nacional, da Câmara e “do maior partido da Aliança Democrática” (PMDB), deputado Ulysses Guimarães. “E hora de darmos as mãos, de sentarmos o mais rápido possível”, frisou.

O líder do PFL lavou em público as roupas sujas da Aliança Democrática. Depois de afirmar ter ido várias vezes ao gabinete do presidente do PMDB “manifestar minha preocupação e a do partido com a economia do país”, ressaltou que a crise não terá solução “sem que os homens que têm responsabilidade com a direção da Nação se sentem e tomam decisões que podem ferir os interesses partidários, mas certamente irão ao encontro dos interesses da Nação”.

A gravidade do quadro econômico foi colocada pelo líder pefelista logo no início do seu discurso, quando anunciou ao plenário que as taxas no open haviam passado de 32,8 por cento, às 11 horas, para 38 por

cento às 13h. “Como pode uma economia funcionar com uma inflação que, se projetada, indica uma hiperinflação de 1.000 por cento ao ano?”, indagou José Lourenço. Alguns até aplaudem o ex-ministro da Fazenda (Dilson Funaro, do PMDB), que nos deixou esse legado de desordem financeira externa e interna e inflação descontrolada”, acrescentou Lourenço.

José Lourenço se dispôs a apoiar até medidas impopulares e ortodoxas, se for necessário, destacando que sua preocupação não é com um programa de qualquer dos partidos que têm assento na Constituinte. “mas um programa que nos tire do caos em que nos encontramos”. Sugeriu, a propósito, que sejam trazidos a Brasília os “brasileiros capazes e competentes, para tirar o País dessa situação e ajudar o Presidente a encontrar as soluções que identificamos”.

“Vamos meditar. Vamos nos sentarmos enquanto temos tempo para conversar. Se demormos, certamente, talvez, não tenhamos o tempo necessário para as correções que a economia reclama e a Nação nos sugere, nos pede, e não estamos atendendo. Sentemo-nos, pois, presidente

Ulysses Guimarães, todos quantos têm responsabilidades, como nós temos, de todos os partidos, à mesma mesa, para encontrar a solução e apoiar as soluções que o Presidente achar as mais convenientes para o País”.

Numa crítica direta à reforma ministerial, cujos lances deixaram a nu os desentendimentos entre o presidente José Sarney e o presidente do PMDB, Lourenço também pediu a Ulysses para deixar de lado as discussões sobre “quem vai ser o ministro desta ou daquela Pasta” e “quem será o secretário-geral deste ou daquele Ministério”, numa referência, ainda, ao cargo vago na Fazenda. “O quadro é grave e exige reflexão, meditação e, sobretudo, amor a esta grande pátria”.

O líder alertou, ainda, para as consequências políticas que poderão advir da crise econômica: “Em nenhum país do mundo, economia em desordem nos dá certeza de que a situação política possa ser tranquila. Economia em desordem significa ruptura do tecido social e dos quadros políticos da nação. Será que nós, homens de partido, assistiremos ou poderemos assistir silenciosamente o tecido da nação começar a esgarçar, começar a rasgar?”.

Para líder do PCB, País beira o caos

“Só agora, quando o País está beirando o caos, os grandes partidos se lembram da necessidade de um programa comum”, lamentou ontem o líder do Partido Comunista Brasileiro (PCB), Fernando Santana (BA), logo após o discurso do líder do PFL, deputado José Lourenço (BA), apelando na Constituinte para que os partidos políticos se unam no combate à crise econômica.

Santana destacou que desde a legislatura passada vem insistindo em que a transição democrática exigia uma frente mais ampla, que não englobasse apenas o PFL e o PMDB. “O chamamento do líder do PFL chegou tarde”, sentenciou, alertando que o País “marcha intensamente para uma situação difícil e, quem sabe, um retrocesso”.

“Essa é uma situação que exige despojamento. Todos devem renunciar a seus projetos pessoais”, continuou o deputa-

do Fernando Santana, para quem a crise se agravou ainda mais com a notícia, atribuída ao ministro da Fazenda, Bresser Pereira, de que poderia haver novo congelamento dentro de 90 dias. Ontem, aliás, corria nos corredores do Congresso o boato de que até o final do dia seria baixado decreto-lei nesse sentido pelo presidente José Sarney.

O deputado Miro Teixeira (PMDB/RJ), que respondeu ao líder do PFL em nome do seu partido, observou que os dias de hoje não são mais conturbados que os de ontem, mas igualmente preocupantes. Afirmando que não procurava “defender o indefensável”, tentou livrar o PMDB da responsabilidade pela crise econômica, alegando que a Nova República herdou dos militares um país cuja situação dificulta todos os movimentos em busca de soluções.

PFL não apóia o mandato de 5 anos

“Se fosse fazer essa pesquisa hoje, certamente haveria muita lamentação, porque ainda não fizemos a eleição direta ontem”, reagiu o líder do PFL, deputado José Lourenço, após ser cobrado pelo ministro Aureliano Chaves, mais uma vez, ontem, sobre uma pesquisa na bancada para saber da aceitação da tese de que o mandato do presidente Sarney tenha a mesma duração que for fixada em caráter permanente na nova Constituição para seus sucessores.

Preocupado com a insistência do ministro em cobrar a realização da pesquisa e em não aceitar os argumentos de que falta clima na bancada para promover uma investigação desse porte, o líder José Lourenço começou a elaborar o questionário com as perguntas relativas ao mandato presidencial. Mas não acredita que esse momento ajude a apurar a resposta mais conveniente ao PFL, que fica em cinco anos.

O ministro Aureliano Chaves

foi quem apontou esse prazo como ideal para o mandato do presidente Sarney, durante o almoço realizado na terça-feira, no Palácio da Alvorada, com o presidente José Sarney e o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, quando praticamente acertaram que a duração do mandato presidencial seria de cinco anos e se comprometeram a emplacar essa tese dentro do PFL e do PMDB.

Para José Lourenço, com a situação econômica caótica, como a do momento atual, seria demais querer tirar do PFL uma posição que contraria o sentimento popular. Ele disse isso ao ministro Aureliano Chaves, que aconselhou uma ação fora do clima de emocionalidade reinante entre os políticos, o que fez o deputado dizer, zangado, que só pensa assim quem está do outro lado da questão e não tem termômetro parlamentar a indicar que há necessidade de evitar choques com os deputados.